

A potência do não percebido: Hegel, Dewey e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório

The Power of the Unperceived: Hegel, Dewey, and Their Place in Mainstream Classificatory Thought

Hope A. Olson

School of Library & Information Studies, University of Wisconsin-Milwaukee

Email: holson@uwm.edu

Resumo

Este artigo explora as conexões entre Melvil Dewey, William Torrey Harris e os Hegelianismos. Reconhece a dívida dos mesmos para com Bacon enquanto rastreia a prática da hierarquia destas influências filosóficas até Dewey e seu legado, a *Classificação Decimal de Dewey* dos dias de hoje. A onipresença da hierarquia está ligada à metáfora de Dewey a respeito da organização de uma turba em um exército ordenado, usando a ferramenta da lógica.

Palavras-chave: Dewey. Hegel. Lógica classificatória

Abstract

This article explores the connections between Melvil Dewey, William Torrey Harris and Hegelianisms. It acknowledges their debt to Bacon while it traces the practice of hierarchy from these philosophical influences to Dewey and his legacy, today's *Dewey Decimal Classification*. The ubiquity of hierarchy is linked to Dewey's metaphor of organizing the mob of information into an orderly army using the tool of logic.

Keywords: Dewey, Hegel. Classification logic.

Introdução

Muito da filosofia ocidental implica ou interpreta diretamente uma noção de hierarquia. De Aristóteles e até após Hegel, passando por Francis Bacon, a lógica, em particular, ostenta um selo hierárquico. Ao mesmo tempo, os sistemas para a organização de informações em tópicos exibem estruturas hierárquicas. A onipresença das hierarquias não surpreende em uma cultura como a ocidental, derivada do pensamento grego e posteriormente do pensamento europeu, que foi desenvolvido mais recentemente em culturas colonizadoras como as que se desenvolveram nas Américas. Entretanto, examiná-la mais de perto nos ajuda a entender tanto suas operações quanto suas ramificações. Este artigo examinará uma escola da filosofia, o Hegelianismo, e o sistema de organização de informações resultante para identificar a influência da filosofia sobre

um dos fundadores do sistema de classificação bibliográfica mais amplamente utilizados no mundo todo.

O Exército e o caos em Dewey

Melvil Dewey e sua *Classificação Decimal de Dewey* — mostram a influência de Hegel e dos Hegelianos americanos, e da significância que Dewey fez da metáfora de um exército para justificar sua imposição de uma estrutura hierárquica para ordenar a turba caótica de informações.

Dewey era particularmente dramático no uso da sua metáfora da turba e do exército. Ele afirmava (em sua “ortografia simplificada”¹) que:

Uma grande empresa ou trabalho sem classificação ou planejamento não é uma organização de valor, mas sim **mero material** que um **cérebro inteligente** pode utilizar para construir uma organização de valor. Ela difere em eficiência do seu ideal, **assim como uma turba de homens difere de um exército disciplinado**. Pilhas de tijolos e cimento não são um templo, assim como amontoados de palavras não são uma obra de Shakespeare; embora, se classificados e organizados, cada um em relação aos outros, a transformação ocorre. (DEWEY, 1932, após DDC13, p. 44).

Dewey via a informação como um amontoado caótico que necessitava de ordem. Ele usou uma grande variedade de metáforas para expor este argumento. Utilizando exemplos com empresas, organizações militares, religião e literatura, Dewey afirmava que a classificação, a grosso modo, é necessária para suplantar o caos. Em cada exemplo, Dewey oferecia apenas duas escolhas: turba ou exército, tijolos ou um prédio, palavras aleatórias ou uma obra-prima. A ordem, de acordo com Dewey, é oriunda de um “cérebro inteligente” — o qual eu interpretarei como se referindo a um cérebro que emprega a razão ou a lógica.

Dewey pode muito bem ter desenvolvido sua argumentação sem influências filosóficas diretas. A filosofia ocidental tem a hierarquia como um dos seus temas subjacentes. Entretanto, a natureza arraigada e onipresente da hierarquia no sistema CDD de Dewey sugere uma operação particularmente intensa do discurso da hierarquia. A maneira que ele usou para ligar a razão ou a

¹ (N. do T.) Dewey foi um dos proponentes da reforma ortográfica da língua inglesa, vindo a tornar-se Secretário Geral da *Spelling Reform Association*, um grupo que defendia o abandono da grafia tradicional de palavras na língua inglesa em favor de um sistema estritamente baseado na fonética. Dewey estava tão comprometido com a reforma ortográfica que mudou a grafia do seu nome para “Dui” em vez de “Dewey”, visto que ambas as palavras são pronunciadas da mesma forma em inglês. Fonte: <http://www.childrenofthecode.org/code-history/dewey.htm>, acessado em 05 de abril de 2011.

lógica com a estrutura de um exército convida a uma exploração mais aprofundada de tendências hierárquicas tão fortes.

Hegel e Dewey

Embora indiretamente, G. W. F. Hegel vem sendo especificamente associado a Dewey (WIEGAND, 1998). O mentor filosófico de Dewey no Amherst College, Julius Seelye, era adepto de Hegel (WIEGAND, 1998, p. 185) e William T. Harris, cujo sistema de classificação para as Bibliotecas das Escolas Públicas de St. Louis foi uma das bases para o CDD (WIEGAND, 1996, p. 23), foi uma das lideranças dos Hegelianos Americanos, ou de St. Louis. Foi também o editor do *Journal of Speculative Philosophy* daquele grupo, e autor de um livro que explicava a lógica de Hegel (HARRIS, 1895).

Seelye não foi apenas professor e presidente do Amherst College. Ele traduziu *A História da Filosofia* de Albert Schweigler, considerada por Harris como uma obra importante no estudo de Hegel (HARRIS, 1867, p. 250). Wayne Wiegand (1998) demonstra o Hegelianismo de Seelye e sua influência em Dewey e seu sistema de classificação em seu artigo sobre o “método Amherst”, incluindo o impacto dos textos usados por Seelye e outros na sub-organização de classes. Wiegand demonstra que Dewey estava claramente sujeito a influências, com os Hegelianos no topo da sua lista das figuras de autoridade.

A classificação de Harris para as escolas públicas de St. Louis é amplamente considerada como o modelo para a escolha e sequência das classes principais no CDD. Nos agradecimentos da primeira até a décima terceira edições (a última para a qual ele contribuiu pessoalmente), Dewey observa que, embora não houvesse conhecido o sistema de Harris antes de ter completado as partes mais importantes do seu próprio sistema, “ao preencher as nove classes do sistema, o arranjo Baconiano invertido da Biblioteca de St. Louis foi seguido.” (DCC13, p. 46). Harris, por sua vez, serviu como editor associado do *Library Journal* de Dewey e usou o CDD na biblioteca do Departamento de Educação dos Estados Unidos quando foi diretor da organização (LEIDECHER, 1946, p. 341; 468). Harris (1895) escreveu uma explicação sobre a lógica de Hegel que foi creditada como sendo mais Hegeliana que o próprio Hegel. Em um tributo a Harris, Edward E. Richardson (1937, p. 33-35) descreve o Hegelianismo de Harris como caracterizado

por uma crença firme no racionalismo e sua dependência da lógica, junto com a crença na história como progresso em direção ao ideal de liberdade e individualidade.

A progressão verificada das classes principais do CDD parece ter sido extraída dos trabalhos de Hegel, provavelmente via Harris (COMAROMI, 1976, p. 25-29; GRAZIANO, 1959; OLSON, 2001). O biógrafo de Harris, Kurt Leidecker (1946, p. 340), admite que Harris influenciou Dewey. Neste aspecto é muito provável que Dewey e Harris estivessem trabalhando em sintonia, de modo a compartilhar ideias sobre estruturas classificatórias consonantes com a lógica fundamental proposta por Hegel.

Disciplinas — a principal faceta da classificação

No CDD, as nove classes principais (além da classe 0, Generalidades) representam a faceta principal da disciplina. O Glossário do CDD define uma disciplina como “um campo de estudo ou ramo do conhecimento organizado. No CDD, assuntos são organizados por disciplinas”. (DEWEY, 2003, v. 1, p. *lxviii*). Várias discussões vêm sendo feitas sobre como estas classes vieram a ser consideradas como o primeiro nível (ou faceta) e como elas deram forma à sequência em que as encontramos. A figura 1 sugere que as raízes das classes do CDD, como exemplo, estão profundamente arraigadas na filosofia ocidental.

DDC	0 Generalidades								
	1 Filos. & Psicol.	2 Religião	3 Ciências Sociais	4 Linguagem	5 Ciências Naturais & Matemát.	6 Tecnologia	7 Artes	8 Literatura & Retórica	9 Geografia & História
Bacon	Razão Filosofia					Imaginação Poesia			Memória História
Hegel	Ideia (<i>Begriff</i>)		Ideia Imperfeita			Essência (<i>Wesen</i>)			Ser (<i>Sein</i>)
Harris	Ciência (Filosofia)					Arte (Poesia)			História

Figura 1 – Principais classes: De Bacon ao DDC

Observando as classes principais de Dewey, é possível perceber que o arranjo se originou na classificação de William T. Harris para o Sistema de Bibliotecas das Escolas Públicas de St. Louis, o qual é explicitamente uma ordem reversa da classificação do conhecimento de Francis Bacon (COMAROMI, 1976, p. 25). As visões renascentistas de Bacon vieram diretamente de

Aristóteles e através da classificação medieval do conhecimento em função da pedagogia, em Trivium, Quadrivium e Teologia. Nossas disciplinas atuais lembram consideravelmente este esquema medieval. Contudo, Bacon acrescentou a eles uma ordenação que, filosoficamente, era mais sólida, derivada a partir de um método dialético (Bacon, livro II, capítulo 1; para um resumo, veja Olson, 2001). Ele considerava que a Memória era o repositório básico de experiências, que, quando comparado e contrastado via Imaginação, pode ser processado via Razão e transformado em Conhecimento. Assim, a classificação do Conhecimento de Bacon é baseada na História, como uma emanção da Memória, da Poesia como uma emanção da Imaginação, e da Filosofia como uma emanção da Razão. Bacon, portanto, via o conhecimento como o fim definitivo deste desenvolvimento. Basicamente, um alicerce epistemológico para a classificação.

Como Harris também era um estudioso de Hegel, e como o próprio Dewey foi influenciado fortemente pelos Hegelianos no Amherst College (WIEGAND, 1996, p. 29), é possível comparar as principais classes do CDD com a classificação do conhecimento de Hegel. A *Lógica* de Hegel enumerava três categorias de existência: Ser (*Sein*), Essência (*Wesen*), e Ideia (*Begriff*). Harris (1895, 137-145) escreveu uma explicação para a *Lógica* de Hegel, na qual ele explicava esta ontologia tríplice. Harris descreveu o conceito de Ser como uma condição ilusória, na qual a pessoa percebe a realidade somente como se ela fosse o que aparenta ser — aquilo que é imediatamente percebido e que não requer mediação. Hegel enxerga que o Ser dá espaço à Essência — um estado desiludido no qual uma pessoa reconhece que aquilo que está aparente não é uma realidade independente, mas os resultados dependentes de várias forças ocultas por trás das ilusões do Ser independente. Assim, a Essência é uma condição na qual o óbvio é mediado por uma compreensão cética. Finalmente, a Essência leva à atividade autônoma da Ideia — uma categoria superior, que é a revelação de um ser superior. Hegel descreve plantas, animais e o “homem” como uma “Ideia imperfeita” (HARRIS, 1895, p. 144-145). A ideia transcende estas formas para se tornar uma revelação da perspectiva teísta que Hegel tinha de Deus. Com isto em mente, é possível ver que existe uma certa correlação (demonstrada na figura 1) entre a história e o Ser como simples observação; as belas artes e as artes mecânicas e a Essência como uma compreensão de ilusões; e as ciências e a religião e a filosofia e a Ideia como um estado que está além e é independente, tanto do ser material quanto da ilusão. De forma interessante, Harris e outros classificacionistas colocaram o estado mais elevado no início de sua classificação, em vez

de no final. Embora descreva que a progressão ontológica de Hegel vá de Ser para Essência para Ideia, Harris reverte esta sequência em sua classificação, colocando o ápice da compreensão humana em uma posição de primazia no início (assim como as classificações soviéticas traziam o Marxismo-Leninismo em primeiro lugar)

Não é surpresa, então, que a abordagem de Dewey reflita igualmente os pressupostos epistemológicos e ontológicos da filosofia ocidental. Assumindo as dez grandes classes definidas por Dewey como princípio, é possível ver na figura 1 como ele interpretou a interpretação de Harris sobre a dialética epistemológica de Bacon e/ou do modelo ontológico de Hegel da lógica. Esta disposição de disciplinas estabelece o primeiro nível de semelhança (e diferença) no CDD, e é muito similar em outras classificações, especialmente a Classificação a Biblioteca do Congresso Americano. Embora não coloquemos mais filosofia e ciência ou tecnologia e poesia em um patamar de igualdade, nós ainda pensamos o mundo do conhecimento como se estivesse dividido nas mesmas categorias que Dewey definiu com suas classes disciplinares, e estas disciplinas refletem a tradição de onde se originaram.

Disciplinas — como a principal faceta em nossas classificações — representam a similaridade fundamental. Dentro de cada disciplina em uma classificação, a subdivisão reflete o discurso de especialistas. Dewey contou com os especialistas do Amherst College para ajudá-lo a definir o conteúdo de cada classe. O CDD atual segue práticas disciplinares definidas em suas recentes mudanças mais significativas nas ciências da vida, de modo que elas passaram a ser divididas primeiramente por processo, em vez de por organismo. A Classificação da Biblioteca do Congresso Americano foi originalmente estruturada por especialistas em áreas, e tem uma longa tradição de garantia literária, refletindo os padrões de publicações por especialistas. Os discursos de disciplinas individuais, portanto, determinam a ordem de citação — a estruturação interna de classes de acordo com sua prioridade em meio à similaridade.

Clare Beghtol (1998, p. 2) sugere que “ampliar a criação de conhecimento multidisciplinar torna imprescindível reconsiderar a confiança tradicional na classificação baseada por disciplinas, e também tentar resolver os problemas que a orientação criou”. A hierarquia é criada por ordem de citação, e a ordem de citação encontra seu caminho de volta à lógica.

O sistema de lógica de Hegel implica em hierarquia. Ele definiu três “momentos” quantitativos: individual, particular e universal, em ordem crescente de generalidade. Cada um destes momentos caracteriza um elemento em cada figura dos três silogismos que Hegel propôs em seu sistema de lógica. Por exemplo, o primeiro é o silogismo comumente identificado que liga a instância individual (I) de “Gaius” à noção universal (U) de mortalidade, por meio da categoria particular (P) de “homem”.

<p>Todo P é U I é P ∴ I é U</p>	<p>Todos os homens são mortais Caio é homem ∴ Caio é mortal</p>
---	---

Em termos de classificação, “seres mortais” (o universal) é a classe principal, que é subdividida em várias espécies particulares, incluindo o "homem", e "Caio" é uma subdivisão individual de "homem". Este silogismo segue o padrão da lógica dedutiva na qual uma conclusão é inferida a partir de premissas aceitas. Hegel utilizou a hierarquia do todo/parte ou gênero/espécie do universal/particular/individual para estruturar a inferência. O silogismo de Hegel reflete a lógica básica aristotélica - parte da tradição filosófica ocidental (ver OLSON, 1999 para uma discussão relacionada sobre Aristóteles e classificação).

Os silogismos que Hegel propõe em seu sistema também incluem um silogismo indutivo como uma subclasse de seu silogismo da totalidade. O silogismo indutivo segue o padrão: II

<p>I1, I2, I3, ... In são P Todos os P incluem I1, I2, I3, ...In ∴ P são U</p>	<p>Caio et al. são mortais Todos os homens incluem Caio et al. ∴ Os homens são mortais</p>
--	--

A operação de indução, como a dedução do primeiro silogismo, baseia-se em uma hierarquia. Mas, no silogismo indutivo, é uma hierarquia na qual as instâncias individuais são as provas que implicam a ligação entre o particular e o universal. Em ambos os casos, os três momentos - individual, particular, universal - se relacionam entre si através de relações hierárquicas de gênero / espécie ou de todo / parte. "Tudo é um silogismo, um universal que, através de particularidades une-se com à individualidade ..." (HEGEL, 1969, p. 669).

Hegel deu continuidade à ideia dos três momentos de definição através de um segundo processo, a divisão. Harris interpretou a "divisão" de Hegel como "classificação": "A classificação é uma operação de síntese na qual se exprime a relação necessária de todas as determinações do universal. Os conteúdos são expostos exhaustivamente" (Harris, 394). Ou, como

afirmou Hegel: "O universal deve particularizar-se o conteúdo individual da cognição ascende pela particularidade até o extremo da universalidade ..." (HEGEL, 1969, p. 800).

Este padrão é idêntico à descrição de WC Berwick Sayers de como as classificações tradicionais são estruturadas: "O princípio fundamental originalmente explicado [como por Bacon e Hegel] foi que a classificação deve começar com o conhecimento em sua totalidade e dividi-lo em classes... a ideia de começar com as grandes áreas temáticas e dividi-las, utilizando uma característica por vez, de modo que, eventualmente, eles tinham tentado listar todos os estágios do conhecimento em uma seqüência sistemática, que ia do muito geral ao altamente especializado, seguindo uma série de medidas controladas". (SAYERS, 1967, p. 43-44).

A dialética a que esta técnica cognitiva sugere um método que avança através de estágios em direção a um absoluto. "A dialética não é progresso infinito, mas nos leva a uma última categoria..." (HARRIS, 1895, p. 402). Assim, o auge da progressão lógica que depende da ligação entre o individual, o particular, e o universal é uma idéia absoluta, ou conhecimento absoluto.

Harris e seus companheiros hegelianos de St. Louis aplicaram a dialética de Hegel em suas obrigações diárias. Eles a usaram para explicar aquilo que viam como o mal necessário da Guerra Civil, usaram-na também como um meio de reformar a educação e até mesmo de melhorar a caça de esquilos e perus (POCHMANN, 1948, p. 33). Assim, é compreensível que tenham-na aplicado também a uma classificação da biblioteca como fizeram, primeiro Harris e depois Dewey.

Dewey criou sua organização hierárquica reunindo entidades semelhantes em uma estrutura que segue através de categorias de relações entre coisas, de modo muito semelhante a um silogismo:

O campo do conhecimento está dividido em 9 classes principais, numeradas de 1 a 9, e enciclopédias, periódicos, etc. Aquilo que é geral demais e não pertence a nenhuma destas classes é marcado 0 (zero) e forma uma décima classe, por exemplo, classe 1 é uma biblioteca de Filosofia; classe 5, biblioteca de Ciências; classe 9, História, etc. Estas classes especiais ou bibliotecas são então consideradas de forma independente, e cada uma é separada novamente em 9 divisões especiais do assunto principal, numeradas de 1 a 9, como foram as classes, obras gerais não pertencentes à nenhuma divisão levam o 0 (zero) como o número de sua divisão. Assim, 59 é a divisão 9 (Zoologia) da classe 5 (Ciências). Uma terceira divisão é então feita, separando cada uma dessas divisões em 10 seções, numeradas do mesmo modo com os dígitos 0 e 9, e esta subdivisão decimal é repetida, até que ela assegure tantas subseções quanto necessário em qualquer assunto. Assim, 513 é a seção 3 (Geometria) da divisão 1 (Matemática) da classe 5 (Ciência Pura). (DDC 13, p. 15)

O uso de Dewey de classes, divisões e seções lembra a hierarquia de um exército (de fato, suas dezenas e centenas lembram o exército romano). O Dicionário Oxford de Inglês define como:

classe... Uma divisão ou ordem da sociedade em função do status; uma categoria ou classe da sociedade...A divisão das coisas de acordo com grau ou qualidade, como alto ou baixo, primeiro, segundo, etc ...divisão ...A ação de dividir ou estado de ser dividido em partes ou ramos; partição, separação....O fato de ser dividida em opinião, sentimento ou interesse; desacordo, variância, dissensão, discórdia; ...classificação; ...Uma parte de um exército ou frota, ...seção ...Uma parte separada ou dividida do restante ...Mil. Uma quarta parte de uma companhia...

Cada diferenciação da organização hierárquica compõe a separação de classes, separando *mesmo* de *diferente* à medida que mais níveis são adicionados em uma cadeia de facetas, como uma cadeia de comando. Em vez do caos de uma multidão, Dewey introduziu a rigidez de um exército. "Assim, todos os livros sobre qualquer assunto ficam juntos, e nenhuma adição ou mudança jamais os separa" (DDC13, p. 22).

No entanto, um dos problemas que Dewey abordou foi a rigidez de tudo estar em seu lugar, se aquele lugar era uma posição específica em uma prateleira da biblioteca. Sua hierarquização possuía outro atributo de um exército:

Em uma localização relativa, é como encontrar um soldado, se voce sabe o seu exército, regimento divisão, e companhia. Se John Smith é o terceiro homem na segunda fileira da companhia B, regimento 69, 4a divisão, se o regimento está em campo, em desfile ou em marcha, seu lugar não é determinado pelo pedaço de chão em que ele está, mas por sua relação com o resto do exército. Se os soldados estão mortos e no cemitério eles são tão facilmente encontrados por sua localização fixa quanto por sua localização relativa. Mas se o exército está vivo e em atividade, assim como toda biblioteca ou coleção privada em uso deve estar, seus recursos devem poder ser encontrados em campo, em marcha ou em ação.
(DDC13, p. 22).

Dewey tinha sobrevivido tanto à Guerra Civil Americana quanto à Primeira Guerra Mundial, e, na época em que estas palavras foram publicadas na última edição do CDD da qual participou em vida, não é de surpreender que quisesse vincular sua classificação aos soldados vivos e não aos soldados mortos. Ele estaria habituado com a imagem dos cemitérios de massa, de ambas as guerras, em que os indivíduos eram nomeados, fileira após fileira de cruzeiros brancos. No entanto, seus soldados vivos estão "em campo, em desfile ou em marcha", não no campo de batalha, onde nem mesmo os sistemas decimais conseguem superar o caos.

Legado de uma metáfora

O padrão que se segue ao trabalho de Dewey reflete as estruturas hierárquicas do exército. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) é o seu legado. Esta estrutura é arbitrária na medida em que privilegia as relações hierárquicas sobre todos os outros tipos de relações. Ela também incorpora a rigidez que inibe a capacidade da CDD de se adaptar a contextos de mudança e da interdisciplinaridade.

Hierarquia na CDD

A natureza hierárquica da CDD é ainda como Dewey a descreveu. Na introdução à vigésima primeira edição há uma explicação do "princípio da hierarquia" da CDD manifestada tanto na estrutura quanto na notação da classificação. "Hierarquia estrutural significa que todos os temas (à exceção das dez classes principais) são subordinados e são parte de todos os temas mais abrangentes acima dele" (DEWEY, 1996, após DDC 21, p. xxxiii). Este acordo é uma clara indicação da classificação como um instrumento indutivo. Se uma pessoa desejar usar os níveis inferiores da hierarquia como prova da generalização, então é imperativo que estes níveis mais baixos tenham as características das generalidades que representam. A introdução também aponta que: "O corolário também é verdadeiro: o que é verdadeiro para o todo vale para as partes. Este conceito importante é às vezes chamado de força hierárquica. Qualquer nota a respeito da natureza de uma classe é válido para todas as classes subordinadas..."(DDC21, p. xxxiii-xxxiv). Como resultado, a hierarquia dá forma aos temas que a compõe, assim como os universais de Hegel, dão forma ao individual, através do particular. A multiplicidade de aspectos comuns que oferecem possibilidades de classificação são representadas na rigidez de uma cadeia de facetas, ao invés de como esses temas podem estar relacionadas de maneiras diferentes. A rejeição de outras relações que não as hierárquicas fica evidente na necessidade de instruir os classificadores ao lidar com elas. Se, por exemplo, um documento tem mais de um assunto na mesma disciplina: "Classificar um trabalho que trata de assuntos interrelacionados com o assunto que está sendo abordado. Esta é a chamada regra de aplicação, e prevalece sobre qualquer outra regra. Por exemplo, classificar um trabalho analítico que trata da influência de Shakespeare sobre Keats em Keats." (DDC21, p. xxxvi).

Não há uma maneira de representar a relação entre Shakespeare e Keats como há para representar a relação entre os cães e os poodles. De todas as relações não-hierárquicas possíveis, o melhor que a CDD pode fazer é oferecer uma "tabela de último recurso" para decidir qual dos aspectos desmembrados de um tópico irrepresentável deve-se escolher para representar (CDD21, p. xxxviii). Em um sistema fundamentado exclusivamente na hierarquia, não há espaço para outras influências.

Considerações finais

Embora Sayers tenha dito que, para Dewey, "a prática classificatória avançou além da teoria" (1967, p. 43), parece que ele realmente extraiu, pelo menos o aspecto hierárquico da sua prática, de uma das filosofias predominantes de sua época. Hegel e os hegelianos norte-americanos adotaram um sistema de progresso dialético em direção a um conhecimento absoluto ou ideal.

A escolha que Dewey fez foi claramente pelo exército e não pela multidão. A ideia de que era uma escolha binária é um dos problemas que continuamos a enfrentar. Um exército representa um tipo particular de organização hierárquica, dividida, restrita. À medida que enfrentamos as complexidades contínuas de organizar a informação em nosso ambiente híbrido de recursos tradicionais, digitais, multimidiáticos e interdisciplinares, cabe-nos ter em mente que a nossa base comum para a organização não é a única possível. É apenas uma dentre as opções estruturais, limitadas apenas por nossa imaginação, sufocadas por tanto tempo a este respeito.

Referências

BACON, Francis. **The advancement of learning**. New York: The Modern Library, 2001.

BEGHTOL, Clare. Knowledge domains: multidisciplinary and bibliographic classification systems. **Knowledge Organization**, v. 25, Issue 1-2, p1-12, mar. 1998.

COMAROMI, John Phillip. **The eighteen editions of the Dewey Decimal Classification**. Albany, NY: Forest Press Division, Lake Placid Education Foundation, 1976.

DEWEY DECIMAL CLASSIFICATION AND RELATIVE INDEX. 22 ed. Dublin: OCLC Online Computer Library Center, 2003.

DEWEY, Melvil. **A classification and subject index for cataloguing and arranging books and pamphlets of a library**. Amherst, Mass., 1876.

_____. **Decimal clasification and relativ index**. 13. ed. Essex, Co., NY: Forest Press, 1932.

_____. **Dewey decimal classification and relative index**. 21. ed. Mitchell, Joan S., *et al*, eds. Albany, NY: Forest Press, 1996.

GRAZIANO, Eugene E. Hegel's philosophy as basis for the Decimal Classification schedule. **Libri**, v. 9, p. 45-52, 1959.

HARRIS, William T. **Hegel's logic: a book on the genesis of the categories of the mind: A critical exposition**. Chicago: S.C. Griggs, 1895.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Hegel's science of logic**. Tr. A.V. Miller. London: George Allen & Unwin, 1969.

LEIDECKER, Kurt F. **Yankee teacher: the life of William Torrey Harris**. New York: The Philosophical Library, 1946. Reprinted: New York: Kraus Reprint, 1971.

OLSON, Hope A. Exclusivity, teleology and hierarchy: ou Aristotelean legacy. **Knowledge Organization**, v. 26, 65-73, 1999.

_____. Sameness and difference: a cultural foundation of classification. **Library Resources & Technical Services**, v. 45, 115-122, 2001.

POCHMANN, Henry A. **New England transcendentalism and St. Louis Hegeianism: Phases in the history of American idealism**. Philadelphia: Carl Schurz Memorial Foundation, 1948.

RICHARDSON, Edward E. William T. Harris, the philosopher. In: ed Walton C. John. **William Torrey Harris: the commemoration of the one hundredth anniversary of his birth 1835-1935**. Washington, DC: United States Dept. of the Interior, Office of Education, 1936. p. 32-39.

SAYERS, W.C. Berwick. **A manual of classification for librarians**. 4. ed., compl. rev. e partly re-written by Arthur Maltby. London: Andre Deutsch, 1967.

WIEGAND, Wayne A. **Irrepressible reformer**: a biography of Melvil Dewey. Chicago: American Library Association, 1996.

_____. The “Amherst Method”: the origins of the Dewey Decimal Classification scheme. **Libraries & Culture**, v. 33, 175-194, 1998.

Tradução de Márcia Regina Silva
Revisão de Giulia Crippa e Solange Puntel Mostafa

Artigo submetido em: 31 mar. 2011

Artigo aceito em: 02 maio 2011